

# EXPERIÊNCIAS COM AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES FILMICAS PARA UM AMBIENTE EDUCACIONAL CRÍTICO.

*Gilmar Caramurú de Sousa<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo pretende apresentar a experiência do Projeto Cinestésico – proposto e coordenado pelas Prof.<sup>as.</sup> Dr.<sup>as.</sup> Virgínia de Oliveira Silva e Marília Campos (DHP/CE). O projeto se constitui numa ação de extensão de caráter multidisciplinar (Pedagogia e Comunicação), tendo como objetivos exibir, debater, pesquisar e produzir audiovisuais com propósitos educativos. A análise aqui realizada se concentra na ressignificação realizada pelo público nas sessões de exibição dos filmes *Aruanda* (Linduarte Noronha, 1960), *Enraizados* (Niutildes Batista, 2008) e *Cabaceiras* (Ana Bárbara Ramos, 2007) realizadas no Instituto de Educação da Paraíba e no curso de Pedagogia (Bananeiras – UFPB Campus III).

**Palavras-chave:** Audiovisual, Educação Crítica e Formação de Professores.

O uso dos recursos audiovisuais nos espaços educacionais universitário e de ensino básico ainda está muito aquém do que pode de fato atingir, mesmo com toda carga audiovisual a que somos submetidos em nosso cotidiano pelas mídias eletrônicas. Podemos perceber uma ínfima abordagem do campo educacional direcionada a essa temática tão importante quanto necessária para o desenvolvimento de uma compreensão crítica do papel da linguagem audiovisual como produtora de conhecimento, bem como das dinâmicas e dos processos referentes às construções, apreensões e visões de mundo, tantas vezes permeadas por estereótipos materializados em imagens e signos presentes de forma naturalizada em nosso cotidiano.

Foi nessa busca de romper fronteiras e de estabelecer laços entre o audiovisual e a educação, procurando construir coletivamente referências que pudessem colaborar para a interpretação crítica das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação, que encontrei o Projeto Cinestésico no início deste ano de 2008. Vejo-me extremamente entusiasmado a participar deste Projeto, compreendendo suas diversas atividades que se estendem desde a difusão, exibição e debates de filmes de curta e longa metragens, a pesquisa em torno da recepção e da ressignificação dos espectadores até a realização de produtos audiovisuais. Como vemos, suas atividades de formação, de pesquisa e de extensão são tecidas com os fios de diferentes saberes, numa trama multidisciplinar que relaciona educação e comunicação, bem como conhecimentos de professores e de alunos, do ensino superior e da educação básica (ensino médio, em particular). Atentando especificamente para essa dimensão da presença do audiovisual e da mídia no cotidiano formador de todos nós, precisamos, enquanto educadores, compreender e interferir nas transformações que esses meios vêm realizando sobre as diversas formas de leituras de mundo e da maneira como produzimos conhecimento. BELLONI (2005, p.17) ressalta que:

Já na década de 1950, o sociólogo francês Friedmann (1977)

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia da UFPB, monitor da disciplina Planejamento Educacional, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Lopes de Campos (DHP/CE) e integrante do Projeto Cinestésico – Audiovisual e Educação Crítica.

chamava a atenção para um novo fenômeno social que ele definiu como *meio ambiente técnico*, caracterizado pela tecnificação crescente, não apenas do mundo do trabalho, mas das outras esferas da vida social – o lazer, a cultura, as relações pessoais. Nesse cenário, os meios de comunicação constituíam uma *escola paralela*, através da qual as crianças, assim como os adultos, estariam apreendendo conteúdos mais interessantes e atraentes do que os da escola convencional (PORCHER, 1977). Estes autores (...) apontam para o essencial da questão: as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço do ser humano. Ao interferir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, estas técnicas modificam o próprio ser humano em direções desconhecidas (...). [Isso] ajuda-nos a compreender justamente os desafios colocados aos sistemas educacionais pela difusão em larga escala das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

O trabalho do Projeto Cinestésico procura não apenas estabelecer uma simples e passiva relação de pesquisa colocando a escola de ensino básico numa posição de “objeto estudado”, mas sim propor caminhos dialógicos que venham possibilitar ressignificações de velhos conceitos apreendidos nos mais diversos meios sociais, possibilitando a desconstrução e a reconstrução de novas idéias, visões e posturas nas quais fomos socializados e que tivemos poucas oportunidades para rever criticamente. Conforme nos ensinou FREIRE (1997, p.21):

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não, e associada, sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica.

Este trabalho de pesquisa-ação, que pretende realizar uma alfabetização no campo da linguagem audiovisual, tem como coordenadoras as professoras Virginia de Oliveira Silva<sup>2</sup> e Marília Lopes de Campos<sup>3</sup> e desenvolve atividades destinadas a professores de ensino básico na modalidade formação de professores, se constituindo como projeto de extensão ligado à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários. O trabalho do ano de 2008 concentrou-se no Instituto de Educação da Paraíba (Secretaria Estadual de Educação – PB) e deverá se ampliar em 2009 na Escola Estadual Normal Maria do Carmo.

A professora Amélia Hamze da UNIFEB/CETEC aponta para necessidade da interação dos espaços, já que estes – incluído aí o escolar – são marcados por determinados contextos e

---

<sup>2</sup> Professora Adjunto II do Departamento de Habilitações Pedagógicas - Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordenadora da Área de Política Educacional, do Projeto Educação Legal e do Projeto Cinestésico. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB, onde é Vice-Coordenadora da Linha de Política Educacional. É produtora de audiovisual e pesquisadora na área.

<sup>3</sup> Professora Adjunto I do Departamento de Habilitações Pedagógicas - Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Trabalha com Educação Popular, Movimentos Sociais e Audiovisual. Coordenadora do Projeto Cinestésico pela UFPB.

repertórios. Portanto, a escola deve não se entender como um espaço fechado: deve buscar interagir com outros, almejando enfrentar os desafios de se integrar ao mundo globalizado e de integrar consciente e criticamente toda a comunidade escolar. Com isso, torna-se de extrema importância a constituição de novos caminhos no campo da linguagem e dos diversos conhecimentos que permitam a interação de professores e de alunos com o audiovisual. A consciência das possibilidades do audiovisual provoca não apenas uma ampliação das suas possibilidades metodológicas dentro de uma sala de aula ou de uma escola, mas também uma efetiva construção de novos conhecimentos e de novas leituras de mundo daqueles envolvidos na sua utilização e na sua produção.

## **Vivenciando o audiovisual**

Em busca dessa construção crítica de conhecimento, o Projeto Cinestésico procura criar momentos reflexivos com alunos e futuros professores de ensino normal do Instituto Educacional da Paraíba – IEP, escola integrante da rede de Educação do Estado da Paraíba, situada na capital, tendo suas atividades voltadas para a formação de professores da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental. A proposta de trabalho acontece com todos os níveis de formação desses alunos, envolvendo os alunos dos anos iniciais até os concluintes. Essa escola, por estar localizada em local central na cidade de João Pessoa, possibilita uma maior diversificação sócio-cultural dos alunos daquele ambiente educacional.

As exposições aconteceram, ao longo de 2008, no auditório da escola em dois dias durante o mês e nos três turnos (manhã, tarde e noite). Após a exposição, sempre se abre o microfone para o debate, havendo sempre uma contextualização do audiovisual apresentado pelos bolsistas do curso de Comunicação e de Pedagogia (UFPB). Faz-se presente a idéia de garantir sempre espaços de fala para que possamos compreender e pesquisar como esses sujeitos ressignificam o produto apresentado. Conforme nos aponta MIRANDA em seu artigo *Protagonismo juvenil: fragmentos de um olhar - in FILÉ* (org), 2000, p. 20-1, no artigo em que analisa a experiência da TV Maxambomba com adolescentes em áreas de periferia em Nova Iguaçu-RJ:

...o chamado “receptor” em Bakhtin assume status de co-autor do discurso do também chamado “locutor”, caracterizando o campo dialógico. Esse regime de co-autoria torna-se possível devido à *polifonia* e à *polissemia* da palavra e do enunciado. A palavra é polissêmica porque assume diferentes sentidos, nos mais variados contextos. É por se carregar pleno de sentido que cada enunciado deve carregar as mais diversas vozes. Cada enunciado diz menos a respeito de um sujeito do que da alteridade e da produção de diferenças, pois nele estão contidas diversas vozes de diferentes lugares e das mais diversas épocas. A metáfora musical da *polifonia* compreende este encontro marcado pela pluralidade textual de vozes e consciências diferenciadas (...). Assim, quando estes adolescentes da Baixada falam, estão presentes as diversas vozes que se entrecruzam em sua voz, como por exemplo, a voz de suas famílias de origem, a voz da Baixada, a voz da mídia, a voz da escola pública, etc.

A análise das falas desses sujeitos – alunos (as) do IEP e seus professores – nos dão elementos para pensarmos na dinâmica da cultura paraibana, nas diversas formas como a

mídia formatada (e é reformatada/ressignificada) pelos seus “espectadores”, nos repertórios de vida trazidos para “ler” o audiovisual, etc. Além disso, tivemos a oportunidade de realizar algumas oficinas em que propusemos aos alunos (as) a produção de pequenos textos, cartazes e desenhos em cartolinas com uso do lápis grafite, lápis hidrocor, tesouras, régua, cartolinas, folhas de papel pautado, papel ofício e reproduções xerocadas referentes às imagens utilizadas nos filmes. Todos os materiais foram disponibilizados pelo Projeto.

Ao iniciarmos as atividades referentes à construção e reconstrução desses conhecimentos trazidos pelos (as) alunos (as) e pelos produtos audiovisuais, procuramos usar como fonte para este trabalho filmes de ficção e documentários, curtas e longa-metragem, propondo temas diversos, mas sempre com intenção de provocar a reflexão daqueles (as) alunos (as) frente às propostas fílmicas exibidas. *O Homem que virou suco* (João Batista de Andrade, 1980), *O Senhor do Castelo* (Marcos Vilar, 2007) e documentários sobre a vida e obra de Paulo Freire (Instituto Paulo Freire, sd) foram alguns filmes selecionados para as exposições e, a partir deles, os (as) alunos (as) tinham que escrever textos e desenhar cartazes apresentando suas visões. Alguns (mas) alunos (as) apresentavam visões bastante críticas e é importante ressaltarmos que estes filmes sucederam um conjunto de curtas paraibanos que inauguraram as exposições no IEP. Essas sessões de exposição contaram também com a participação de alunas do Curso de Pedagogia (UFPB) que também se encontravam em processo de discussão do papel do audiovisual na pesquisa, na análise de falas de depoentes registrados e no significado do “ser paraibano” e, dentro desse universo, do “ser sertanejo”.

Com o intuito de compreender quais as representações dos (as) alunos (as) frente ao “sertanejo”, havíamos exibido, logo no início do ano, os filmes: *Aruanda*, *Enraizados* e *Cabaceiras*. *Aruanda*, dirigido por Linduarte Noronha em 1960, apresenta o sertão e o sertanejo sob a atmosfera da pobreza vivida por seus habitantes que enfrentam extremas dificuldades com o clima árido e vegetação da caatinga, convivendo com o subdesenvolvimento econômico, utilizando-se do trabalho da mulher na fabricação de utensílios de cerâmicas com a intenção de comercializar em feiras locais para prover ajuda no seu sustento e da sua família. O ambiente retratado por *Aruanda* remete a uma triste e inóspita região do Nordeste. Outro filme é *Enraizados*, curta metragem rodado em 2007 no cariri paraibano que mostra, durante os seus 15 minutos, toda a primitividade a que é submetido o ser humano. O filme é dirigido por Niutildes Batista e apresenta, quarenta e oito anos depois de *Aruanda*, a mesma imagem de “carência”. Já *Cabaceiras* - dirigido pela cineasta paraibana Ana Bárbara, lançado em 2007 e com 16 minutos de duração - retrata quatro moradores da cidade designada como a “roliúde do sertão” que apresentam uma visão crítica a respeito da imagem do sertão primitivizado e carente. Vemos, em seus depoimentos, as diversas intencionalidades que produziram esta imagem (e os benefícios da “indústria da seca”) e a importância de se afirmar um sertão rico em cultura, produtivo, potente. Os filmes trazem posicionamentos opostos quanto à imagem estereotipada que se tem do sertanejo. Para as exposições, foi estabelecida uma seqüência dos filmes em que *Aruanda* abriria a exposição, seguido de *Enraizados* e por fim *Cabaceiras*. Essa seqüência teve a intencionalidade de proporcionar uma linha histórica de compreensão quanto ao que foi construído ao longo dos tempos referente à imagem do sertanejo.

Podemos destacar nas falas emergidas nos debates que ocorreram em seguida às exposições, que os filmes *Aruanda* e *Enraizados*, apesar do distanciamento entre as épocas em que foram produzidos e entre as diferentes realidades sócio-econômicas, que, ainda sim, mantêm uma mesma mensagem estereotipada do sertanejo. Isso se apresentou em muitas das falas dos alunos e questionamos o porquê dessa perpetuação. Quem lucra com a

imagem do sertão seco e pouco produtivo? Com pessoas pouco capazes de serem autônomas de suas próprias vidas e sem perspectiva alguma de futuro próspero, em que a enxada é o único instrumento de trabalho possível e aceitável para essas pessoas? A tônica da discussão ficou por conta da indignação e da não aceitação dessas imagens como ainda características do sertanejo. Foi mais uma vez questionado se, em algum momento histórico, essa foi a única realidade vivenciada pelo sertanejo e até que ponto este não tem a capacidade de ocupar postos profissionais que exijam uma qualificação acadêmica um pouco mais específica como, por exemplo, professor, advogado, médico ou ainda cargos públicos como bancários ou auxiliares administrativos, uma vez que nem todos viveriam apenas do suor e da enxada.

Questionamentos e indignações foram suscitados pelo documentário *Cabaceiras* que trouxe a visão dos próprios sertanejos a respeito das construções imagéticas produzidas pelas grandes produtoras de filmes, como é o caso da Globo Filmes. O filme *Cabaceiras* trouxe contribuições muito importantes para os alunos que ali se encontravam: a citação da matéria jornalística do Jornal da Band no início do documentário que apresenta o bode como a principal atração da cidade, desprezando completamente as pessoas que ali residem e fazem a história daquela localidade, chama a atenção dos alunos acerca do descaso com que é tratado o sertanejo, sobreposto pela representação imagética de um bode. Também foi trazido para a discussão o quanto rentável para alguns a perpetuação desse quadro, transformando a região em uma verdadeira indústria da seca.

## **O audiovisual em ação**

O Projeto Cinestésico foi convidado a participar do I Encontro Pedagógico intitulado Educação Docente: experiências educacionais em espaços formais e não formais. Este encontro ocorreu na UFPB Campus III que fica localizado na cidade de Bananeiras, cerca de 140 quilômetros da capital João Pessoa.

Nesse encontro Pedagógico, nos propomos a levar alguns dos mesmos filmes já exibidos e discutidos no IEP: *Aruanda*, *Enraizados* e *Cabaceiras* foram os escolhidos, socializando também as experiências vivenciadas nas exibições realizadas pelo Projeto Cinestésico na escola. Neste encontro de Bananeiras, faziam-se presentes mais uma vez os mesmos objetivos que caracterizam o Projeto Cinestésico em escolas de Ensino Básico: além de promover a educação crítica do olhar do público - em particular aquele formado por futuros Pedagogos -, buscar novas possibilidades de atuação pedagógica com estes recursos nas escolas, também almejando formar um público com interesse em fazer uso dos recursos audiovisuais.

Eu fiquei com a incumbência de representar o Projeto Cinestésico nesse encontro, sendo responsável pela apresentação e mediação das discussões frente aos temas expostos. Logo quando começamos a exibição dos filmes, pudemos perceber uma ligeira inquietação frente ao filme *Aruanda*, já que muitos dos participantes não tinham conhecimento de que, na década de sessenta, já existiam produções filmicas realizadas aqui no Estado da Paraíba, mostrando portanto, o isolamento em que a educação se encontra frente às outras áreas do conhecimento, nesse caso, a área de comunicação.

Nas falas dos participantes do encontro, a todo o momento foi colocada a importância de se fazer a integração das áreas de conhecimento; contudo, quando se procura aplicar

conhecimentos de uma outra área na educação, quase sempre se esbarra em impedimentos burocráticos utilizados pela direção da escola, tal como a não utilização desses recursos, principalmente quando se está falando em audiovisual. Sabemos que é usual, sempre quando se busca a utilização de equipamentos tais como aparelhos de DVD, televisão, equipamento de som ou até mesmo o data show, esses não se encontrarem na escola ou estarem danificados, ou ainda, não existir uma pessoa responsável pelo manuseio desses equipamentos.

Uma grande queixa que pude constatar nesse encontro, tanto de professores quanto de alunos que já atuam na área, foi referente à necessidade da elaboração de alternativas para utilização desses recursos, uma vez que o curso de Pedagogia não oferece uma abordagem sistematizada acerca da linguagem audiovisual e nem como lidar com essas novas possibilidades com um propósito pedagógico. A falta de investimento também pode ser percebida na esfera administrativa, em que as secretarias de educação simplesmente não oferecem cursos que possam subsidiar esses professores na utilização dos recursos audiovisuais.

Essas experiências puderam me auxiliar no processo de leitura crítica referente não apenas a algumas temáticas pontuais ou ligadas ao meu cotidiano, mas trouxe conhecimentos diversos de pessoas com experiências diferenciadas das que eu tenho. Foi um importante enriquecimento, abrindo um leque de possibilidades para implementação de novas perspectivas de ação pedagógica a partir da utilização do audiovisual na educação, ressaltando-se, acima de tudo, suas contribuições para que os sujeitos realizem uma análise crítica do contexto em que se estão inseridos.

#### **Referências:**

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação.** 2ª ed., Campinas: Autores Associados, 2005.

CARLOS, João Erenildo (org). **Educação e visualidade – reflexões, estudos e experiências pedagógicas com a imagem.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

FILÉ, Valter (org). **Batuques, fragmentações e fluxos: zapeando pela linguagem audiovisual no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 34ª ed., São Paulo, Cortez, 1997.

<http://www.kinooikos.com/artigos/festival-de-curtas-2006/127/=23:00hs> dia 09/11/2008

<http://www.educador.brasilecola.com/index.php?cod=gestao-educacional/linguagem.htm=23:41hs> dia 09/11/2008

<http://www.uesc.br/seminarioic/sistema/resumos/200753.pdf=00:10hs> dia 10/11/2008

<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1755=13:15> dia 11/11/2008